

## TRABALHO E SOCIABILIDADE NA ONTOLOGIA DE GEORG LUKÁCS

Maria Inês Carpi Semeghini\*

### Resumo:

O estudo de György Lukács - abordagem particular do ser social - revela-se uma importante contribuição para a reflexão filosófica acerca da problemática do trabalho como elemento fundamental na explicação do homem e do processo social, em seu fundamento ontológico. Tomando em consideração a noção de totalidade, é possível compreender o processo pelo qual os homens, na atividade de produção e reprodução de sua existência social - complexa relação entre natureza e sociabilidade - podem estar construindo novas possibilidades a cada momento, em que indivíduo e gênero se completariam na busca de uma ética orientada pelas mediações estabelecidas pelo mundo do trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho. Sociabilidade. Ser social. Ética. Totalidade.

### 1 AS BASES PARA UMA NOVA ONTOLOGIA

Ao fundamentar o estudo do ser na sociabilidade, Lukács nos garante uma importante reflexão para o estudo do ser, em sua complexidade, fornecendo-nos uma nova orientação, no campo da investigação teórica, para compreender a problemática do homem frente à natureza e às diversas formas de sociabilidade, no processo sócio-histórico.

Embora sem negar os pressupostos anteriores, ao considerar o trabalho como possibilidade ontológica e como o elemento-chave para a compreensão dos fatores constitutivos da sociabilidade, seu sistema teórico-metodológico se distinguirá de toda tradição filosófica, revelando-se uma nova ontologia, como podemos observar a partir do estudo da segunda parte de sua obra póstuma, *Ontologia do Ser Social*.<sup>23</sup>

---

\* Mestra em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo – Brasil, lhsemegh@ig.com.br

<sup>23</sup> LUKÁCS, G. *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*. (Org. Frank Benseler). Darmstadt: Luchterhand, c1984-c1986: 2v... No presente estudo usaremos a tradução do capítulo “Arbeit”, II parte..Tradução para o português in: Semeghini, Maria Inês Carpi. Trabalho e Totalidade na Ontologia de Gyorgy Lukács. (Parte II)

a economia de Marx maduro aparece à ciência burguesa, mas também aos seguidores do marxismo por ela influenciados, como uma ciência particular, em contraste com as tendências filosóficas do seu período juvenil. E também mais tarde, houve quem, sob a influência do subjetivismo existencialista, construiu um contraste entre os dois períodos da produção marxiana.<sup>24</sup>

Nesta nova abordagem, reconhece em Aristóteles e Hegel uma grande contribuição, ao fornecerem os pressupostos ontológicos para compreender o trabalho em sua posição teleológica, apesar dos limites teóricos em que se basearam as suas análises.

A importância desta distinção se verificará no novo enfoque que Lukács empresta ao trabalho, ao vê-lo não apenas enquanto força produtiva ou como uma noção abstrata da Economia Política. Longe de tratá-lo mediante pressupostos econômico-mecanicistas, sua análise nos permitirá entendê-lo enquanto atividade essencialmente humana, como problema efetivo do mundo dos homens, e reconhece que foi Hegel quem primeiro reconheceu este caráter, quando concebe o homem como resultado de seu trabalho. A partir desta concepção, é possível concluir que o homem é processo, é produto de sua própria história e, portanto, é mutável.

Ao resgatar, porém, o caráter dinâmico da processualidade social em sua contrariedade, sua análise, centrada no pensamento crítico-dialético, supõe uma retomada crítica da herança hegeliana Na busca da recuperação da dimensão ontológica do pensamento de Marx. O trabalho passa a ser visto a partir de uma particularidade distinta de toda a tradição marxista, propondo-nos um novo projeto de sistematização ética.<sup>25</sup>

Numa tendência oposta à tradição marxista., Lukács desenvolve sua análise do ser social e das formas de sociabilidade, partindo dos textos da juventude de Marx,<sup>26</sup> enquanto elementos constitutivos de uma totalidade, reconhecendo neles os pressupostos fundamentais para a construção de todo o seu edifício conceitual posterior, ao fornecerem os princípios teóricos para a compreensão da relação homem-trabalho.<sup>27</sup>

---

Dissertação de Mestrado, PUC/SP;2000. pg. 98. Daqui em diante a edição em alemão de G. Lukács será referida simplesmente como *Ontologia e Tradução*, respectivamente.

<sup>24</sup> LUKÁCS, G. “Os princípios ontológicos fundamentais de Marx.” Cap.IV da *Ontologia do ser social*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria de Ciência Humanas, 1979. p. 12

<sup>25</sup> Na verdade, o projeto da *Ontologia* de Lukács destinava-se a uma introdução para uma investigação posterior sobre a ética e que nunca chegou a escrever. Para um estudo sobre a possibilidade de uma ética em Lukács, ver TERTULIAN, N. “O grande projeto da Ética”. In: *Estudos e Edições Ad Hominem*. n.1. 1999.

<sup>26</sup> Para uma análise dos textos da juventude de Marx, ver LUKÁCS, G. *Il giovane Marx*. Riuniti, 1978.

<sup>27</sup> Sobre esta questão, ver LUKÁCS, G. “Princípios ontológicos”. *Op.cit.* p. 12 e ss.

Lukács reconhece, como poucos pensadores, a necessidade de uma correta interpretação do pensamento de Hegel para entender a problemática posta por Marx. Na referência à obra juvenil de Hegel, *A fenomenologia do espírito*,<sup>28</sup> Lukács tece importantes considerações, demonstrando sua grande significação para as reflexões do jovem Marx, já que constitui o ponto de partida e o fundamento ontológico para todo o seu pensamento posterior.<sup>29</sup>

Esta influência da obra de Hegel no pensamento de Marx pode ser observada nas próprias considerações de Lukács, em texto redigido no início de 1968, em que já tratava das questões do ser social: Entretanto, Lukács ressalta que apesar da grande contribuição de Hegel falta na sua concepção idealista a relação com o mundo objetivo. Embora Hegel tenha dado ao trabalho uma dimensão ontológica, reconheceu apenas a atividade de espírito e, portanto, sua formulação permaneceu no plano abstrato. O entendimento do trabalho como uma atividade humana concreta do mundo dos homens só foi realizado por Marx. Em sua reflexão sobre toda a história da filosofia vista até então, submete-a a uma interpretação radical na dimensão da vida concreta dos trabalhadores de seu tempo.

Lukács vê claramente que a problemática estava na diferente concepção do homem elaborada por Marx. Para ele, só podemos entender o homem a partir de sua ação, de sua atividade real, concreta. E, entre as atividades que os homens realizam em sociedade, ao longo dos tempos, interferindo diretamente em sua existência sensível, conferindo orientação a suas atitudes e afetos, nenhuma pôde ser considerada tão importante por tanto tempo como o trabalho.

O conhecimento da teleologia do trabalho é algo que, para Marx, ultrapassa por isso as tentativas de seus predecessores tão grandes como Aristóteles e Hegel, uma vez que, para ele, o trabalho não é uma das muitas formas fenomênicas da teleologia em geral, mas é o único ponto onde uma posição teleológica como movimento real da realidade material é demonstrável.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> HEGEL, G.W.F. *A fenomenologia do espírito*. (Traduzida para o português por Paulo Menezes). Vozes, 1998.

<sup>29</sup> Na tradição marxista temos K. Kautsky que, em 1908, ao dividir o pensamento de Marx a partir de três fontes: a Filosofia, a Economia Política e o Socialismo, deu origem a várias linhas interpretativas, com direcionamento pautado num economicismo, negando o caráter de subjetividade. A própria consolidação do regime stalinista trouxe para o plano teórico a formulação do “marxismo-leninismo” também como uma orientação econômico-determinista a este pensamento. Sobre a possibilidade desta nova abordagem no campo da investigação teórica ver: CHASIN, J. “Estatuto ontológico e resolução metodológica” In: TEIXEIRA, F. J. S. *Pensando com Marx*. (Posfácio) 1995. p. 339-345.

<sup>30</sup> LUKÁCS, G. *Ontologia*. p. 16 e Trad. p. 103.

Com base na originalidade destas concepções de Marx, Lukács afirmará que “todo existente deve ser sempre objetivo, ou seja, deve ser sempre parte de um complexo concreto” e as “formas de existir” serão sempre “determinações da própria existência.”<sup>31</sup>

Mas, na distinção entre o materialismo dialético e o materialismo mecanicista, Lukács reconhece que é Marx, mais uma vez, que nos permite uma nova reflexão, ao conceber o homem enquanto ser ativo, responsável pela autoformação de seu gênero.<sup>32</sup> Nesta antiga discussão, Marx reconhece no processo real de produção e reprodução da vida dos homens, a importância do pensamento para a construção da práxis.<sup>33</sup> Ao contrário do que concebia o materialismo mecanicista, Marx enfatiza que, no processo de construção da vida objetiva dos homens, a consciência não pode ser considerada como um fenômeno secundário.

Para Lukács, o ponto central da problemática reside exatamente nesta inversão. A consciência aqui, longe de ser considerada como um epifenômeno, resultado das ações concretas dos homens, se dará num ato simultâneo ao fazer prático, ou seja, no pôr de finalidades inerentes ao processo de trabalho. Nesse processo, As intrincadas relações dos homens, tanto no intercâmbio com a natureza, como com os outros homens, não poderão ser analisadas do ponto de vista do conhecimento e de suas categorias abstratamente representadas.

Deste ponto de vista, não se pode reduzir o homem a explicações fundamentadas em uma lógica formal, uma vez que, como processo, está sempre superando a si mesmo. Não que isso nos leve à impossibilidade de conhecê-lo em sua imanência. Por sua natureza social, somente poderemos compreendê-lo a partir da análise das suas realizações, ou seja, da exteriorização daquelas finalidades que foram possíveis pela atividade real de sua existência social. O trabalho será, então, a pista que permitirá reconhecê-lo em sua relação “crítico-prática” como ser capaz de intervir no mundo.

Portanto, a análise de Lukács não se dará a partir de representações decorrentes de formas puras ou abstratas, conceituadas anteriormente. Para ele, o complexo do ser social será considerado “simultaneamente conforme a essência”, podendo ser compreendido “não somente como dado e meramente representado, mas agora também concebido na sua totalidade real, conceituada”.<sup>34</sup> Por este processo de abstração, reconhece-se nas formas “aparentes” da vida social o resultado das mediações, postas como síntese da ação coletiva

---

<sup>31</sup> LUKÁCS, G. “As bases ontológicas...” *Op. cit.* p. 3

<sup>32</sup> Sobre as considerações de Marx contra o materialismo anterior, ver: LUKÁCS, G. “Os princípios ontológicos...” *Op. cit.*, p.13.

<sup>33</sup> Sobre esta questão, ver em KONDER, L. *O futuro da filosofia da práxis*.1992. p. 114 e 115.

<sup>34</sup> LUKÁCS, G. *Ontologia*. p. 9 e Trad. p. 88.

dos homens em seu caráter de generalidade. Com este procedimento metodológico, há uma superação do imediato, e o fato já se mostra novo, pois a partir das implicações percebidas, presentes no próprio processo de trabalho, os homens podem se reconhecer enquanto produtos e produtores de sua própria atividade.

## 2 A GÊNESE DO SER SOCIAL

Ao buscar respostas para o estudo do ser social, Lukács parte da análise das formas de ser da natureza, reconhecendo que na passagem de um grau de ser para outro, há um intercâmbio entre o mundo orgânico e o mundo inorgânico e o que predomina são as categorias da reprodução dos organismos. “A emergência do ser social se dá de tal forma, que o orgânico provém do inorgânico e a sociedade, por intermédio do trabalho, da natureza orgânica”,<sup>35</sup> orientando-se para formas cada vez mais complexas da vida social em sua completude.

Apesar de as formas naturais se constituírem como a base ineliminável da própria vida, o processo da vida social possui uma direção de desenvolvimento (*Entwicklungsrichtung*)<sup>36</sup> que orienta as formações sociais, e, neste processo, os seus fundamentos, em dado momento, se distinguem e se separam, em nada se assemelhando com aquelas formações naturais que lhe deram origem.

Assim, apesar de uma independência relativa, a reprodução da existência social possui um momento predominante que nada tem de natural, mas que se manifesta como forma puramente social, a qual, para Lukács, está representada pelo trabalho.

As formas de objetividade do ser social se desenvolvem, à medida que surge e se explicita a práxis social, a partir do ser natural, tornando-se cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento, porém, é um processo dialético, que começa com um salto, com o pôr (*Setzen*) teleológico do trabalho, não podendo ter nenhuma analogia na natureza.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Em entrevista publicada em sua *Autobiografia*, Lukács esclarece que, se em *História e consciência de classe* “reconhecia apenas o ser social como ser e rejeitava a dialética da natureza”, somente mais tarde é que vai assinalar esta questão fundamental do marxismo. LUKÁCS, G. *Pensamento Vivido-Autobiografia em Diálogo*. (Trad. de Cristina Alberta Franco); *Estudos e Edições Ad Hominem*, 1999. p. 78.

<sup>36</sup> LUKÁCS, G. *Ontologia* p. 8 (Trad. p. 90). Acerca desta questão, ver também, “Os princípios ontológicos... *Op. cit.* p. 19.

<sup>37</sup> LUKÁCS, G. “Os princípios ontológicos ...” *Op. cit.* p. 17.

Como instância primeira, na passagem do ser meramente biológico para o ser social, o trabalho torna-se importante elemento mediador do processo sócio-histórico, enquanto possibilidade das manifestações dos fenômenos sociais na sua particularidade e garantia da reprodução de todas as formas de existência social, transformando meros seres naturais em seres sociais, pois que “no trabalho estão contidos *in nuce* todas as determinações que constituem a essência deste novo ser. Desse modo, o trabalho pode ser considerado como fenômeno primordial, como modelo do ser social.”<sup>38</sup>

Mas como partícipe da totalidade social e categoria fundante da sociabilidade, o trabalho somente ganha importância por permitir, em sua completude, o reconhecimento das distintas formas de relações sociais que se desenvolvem a partir e em decorrência dele mas não de forma imediata. Se as sociedades mais simples trazem, já em sua gênese, como possibilidade<sup>39</sup>, os elementos que constituirão as novas formas sociais mais complexas, as formas anteriores estariam, neste processo, fornecendo o suporte ontológico que possibilitaria a emergência dos novos graus em que o novo molde do ser social se fundamentaria, caminhando para sociedades cada vez mais complexas, onde a finalidade do trabalho colocasse como instância da necessidade que se estabelecerá pela vida em grupo.

não se permite exagerar, de um modo esquemático, este caráter de modelo de trabalho em relação ao agir humano em sociedade; certamente as considerações das diferenças mais importantes indica o parentesco ontológico essencial, pois igualmente se patenteia nessas diferenças que o trabalho pode servir de modelo para compreender as outras posições teleológicas sociais, porque ele é a forma primordial do ser.<sup>40</sup>

Ele observa que não podemos reconhecer nenhuma forma de ser intermediária entre o animal e o homem, ou das formas naturais para as sociais. De fato, entre a ação instintiva dos animais, regida por leis meramente biológicas, que jamais reconhecem o sentido de suas atividades, e a dos homens, cujas ações se orientam de forma consciente, “não se pode lançar nenhuma ponte”, sendo impossível reconstruir o processo na sua totalidade, revelando o salto

---

<sup>38</sup> LUKÁCS, G. *Ontologia* p.10 e Trad. p. 93.

<sup>39</sup> Importante ressaltar aqui que o termo possibilidade, também pode ser traduzido em *potência* ou em *potencial*, do grego *dynamis* ( ver *Aristóteles, Metafísica...*)

<sup>40</sup> Idem, p.12 , Trad. p. 97.

ontológico a partir do qual seria impossível reconhecer em que instância teria ocorrido esta ruptura e possibilitado a sua gênese.

Se não se pode determinar com precisão o momento da efetiva passagem do ser orgânico para o ser social, o próprio Lukács indaga: Como podemos acentuar, no trabalho, o fundamento desta passagem? A resposta estaria em reconhecer que, enquanto todas as outras formas do ser social, como a linguagem, cooperação, etc. “já são, conforme sua essência, caracteres puramente sociais”, o trabalho aparece como o único que contém em si um caráter de passagem e que garantiria esta mudança assinalando “a passagem do ser meramente biológico para o ser social.”<sup>41</sup> Deste modo, somente a análise das concreções objetivadas pelos homens em suas realizações é que poderia nos dar a pista para compreender esta transição.

Observando as “sociedade dos animais”, Lukács percebe que, apesar de apresentarem uma certa “divisão do trabalho”, esta é fixada biologicamente. Mesmo quando se trata de animais superiores, de maior complexidade orgânica, ao buscarem soluções para problemas mais complexos apresentados pela natureza, eles o fazem instintivamente e não intencional. Em situações onde demonstram certa capacidade para resolver alguns problemas mais complicados, sua inteligência é ainda concreta, imediata e as experiências realizadas são sempre orientadas pelo experimentador, o que dificulta uma análise mais correta. Os homens, ao contrário, intervêm na natureza, distanciando-se dela, pela experiência vivida, e organizando-a em uma outra totalidade, e conferindo-lhe um outro sentido, criando suas próprias formas de representação:

o fato de que as assim chamadas sociedades animais (e também, de modo geral, a “divisão do trabalho” no reino animal) são diferenciações fixadas biologicamente, como se pode observar da melhor forma no “Estado das abelhas”. Isso mostra que, qualquer que seja a origem dessa organização, ela não possui mais nenhuma possibilidade imanente de um desenvolvimento ulterior em si e para si mesma; nada mais é que um modo particular de uma espécie animal de adaptar-se em seu próprio ambiente.<sup>42</sup>

Portanto, se nas “sociedades dos animais” a continuidade é garantida pela reprodução dos organismos em seu fundamento biológico, nas sociedades humanas, a reprodução não se

---

<sup>41</sup>Ibidem. ,p.11 e Trad. p. 93.

<sup>42</sup> Idem p. 11 e Trad. p. 96.

limita ao nível de sua natureza física, mas “ao contrário, a divisão gerada pelo trabalho na sociedade humana cria as suas próprias condições de reprodução da existência”.

O trabalho se põe, como força motriz, como condutor do processo social, mas se esvai e se dilui no mundo dos fenômenos, conferindo-lhe importância singular. Ele só se expressa enquanto possibilidade de evidenciar as outras instâncias da vida social. Assim, a linguagem, as formas de cooperação, a primeira divisão do trabalho têm sua forma de representatividade no trabalho, mas não numa relação mecânica, direta. Essas instâncias só se tornarão possíveis a partir das realizações, no mundo concreto das ações conjuntas dos homens, determinadas pelo complexo da reprodução da vida social, mediatizado pelo trabalho.

Mas se o trabalho põe-se como o modelo da práxis social, devemos ter claro que esta não se reduz a ele. Apesar da sua grande importância como forma originária do ser, que media as atividades de produção da existência social, estas não se restringem à mera prática laborativa. Na sua forma primordial, como formador de valores de uso, o trabalho impulsiona as ações dos homens para procedimentos e atitudes que transcendem a simples atividade de transformação da natureza. O trabalho, somente ganha importância na medida em que permite a interligação entre os diversos aspectos da complexidade da dinâmica social. É evidente que, enquanto condutor do processo sócio-histórico, ele tem em si, em possibilidade, o desenvolvimento ulterior dos homens em suas relações de cooperação, no momento das concretizações de suas finalidades. No entanto, se não entendermos o trabalho como uma atividade em que o homem supera a si mesmo na prática da vida cotidiana, não podemos entender a práxis humana como um processo dinâmico, dialético,

Nesta perspectiva as determinações presentes no mundo do trabalho serão as instâncias primeiras que possibilitarão as evidências dos fenômenos sociais em sua dinâmica social. Mas, o trabalho somente ganha importância na medida em que lança luz sobre os outros aspectos da sociabilidade e que possibilita, através da experiência concreta, a emergência do ser imanente da sociabilidade. Caro que as outras esferas da vida social tornam-se extremamente importantes para a distinção entre o homem e seu meio. Entretanto, somente o trabalho, por trazer em si desde o princípio uma diferenciação que estabelece as finalidades imediatas na vida dos homens, conserva este caráter de possibilidade que permite a permanência de determinações decisivas orientando todo o processo evolutivo mediando a práxis<sup>43</sup> social.

---

<sup>43</sup>Se entendermos o conceito de práxis, a partir do conceito filosófico dos gregos, constituído entre *theoria*, *poiésis* e *práxis*, esta se expressa como elemento que designava a ação do homem comum, habitantes da *pólis*.

Pelo trabalho, atividade essencialmente social, dá-se o distanciamento do homem e seu meio, e as formas de sociabilidade podem advir deste processo, como forma de representatividade deste novo ser que se originou e se transformou, mas que se superou a si mesmo e às determinações impostas a ele pela natureza, como é o caso da linguagem, principal forma de representação de seu distanciamento do mundo.

Lukács destaca ainda a grande contribuição de Marx na distinção feita entre a atividade criadora dos homens e a atividade das outras espécies animais. Já em seus escritos da juventude, declara que, embora pertencentes à natureza, os homens assumem um comando em tudo o que fazem, escolhendo conscientemente os rumos de sua própria existência, dentro da particularidade do gênero humano: “O animal se identifica imediatamente com sua atividade vital, não se distingue dela: é ela. O ser humano torna sua atividade vital, ela mesma, objeto de sua vontade e de sua consciência.”<sup>44</sup>

Se nas obras da juventude de Marx, a noção do trabalho aparece como primeira expressão dessa virada na concepção materialista, em bases ontológicas, em suas obras da maturidade, estas idéias se tornarão ainda mais evidentes quando reconhece, no trabalho, a “necessidade natural eterna” da vida dos homens, como aparece na célebre passagem de *O capital*:

Mas o que distingue, essencialmente, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele constrói a célula na sua cabeça antes que ele a faça em cera. No fim do processo de trabalho, aparece um resultado que já estava presente desde o início na representação [na mente] do trabalhador, e que, deste modo, já existia anteriormente de forma ideal.<sup>45</sup>

Enquanto, no animal, há um comportamento “cego”, no homem, em todo o seu proceder, o ato é voluntário, consciente da finalidade que é posta. Sendo assim, somente através das finalidades postas pela atividade criadora dos homens, será possível a junção desses dois momentos: o que existe antes no pensamento, ou seja, o fim previsto ou pressuposto, que orienta a execução de qualquer tarefa, e o momento da efetiva realização dos

---

Enquanto a *theoria* e a *poiésis* revestiam-se de significados mitológicos, a práxis era o resultado da ação dos homens comuns, mortais, imperfeitos que, fora do âmbito da tutela dos deuses, ficavam com a responsabilidade de decidir politicamente o destino da “cidade”. (Cf. KONDER, L. *O futuro da filosofia da práxis...* p.128.)

<sup>44</sup>MARX, K. *Ökonomisch-philosophische Manuskripte*, Leipzig Reclam, 1974, p. 157-8.

<sup>45</sup>MARX, K. *O Capital*. p.140. Cf. LUKÁCS, G. *Ontologia*. p.12 e Trad. p. 96-97.

resultados almejados, primeiro pelo trabalho de transformação da natureza e, no processo, por toda *práxis* social.

Sendo assim, todo proceder humano só se torna possível pela complexa relação entre teleologia e causalidade presente em toda atividade criadora dos homens. Em primeira instância, a imagem daqueles setores da natureza a ser modificada, projetada na mente do homem que trabalha, representará para ele não uma outra realidade, mas o reflexo dela, que orientará suas ações para a concretização daquele projeto de pensamento.

Este reflexo (*Widerspiegelung*) tem um papel decisivo na produção de sua consciência. Será na relação entre teleologia e causalidade que o ser social se transforma em algo dinâmico, e a possibilidade das novas formas do ser será dada a cada momento no processo de efetivação das atividades dos homens entre si, no confronto entre aquelas finalidades estabelecidas anteriormente.

Na medida em que os homens trazem, na mente, o resultado de seus objetivos já previamente estabelecido, enquanto fim, todo trabalho seria o modelo da *práxis* social que possibilitará operar estas posições teleológicas secundárias e que orientará as ações dos homens nesta ou naquela direção, possibilitando a consciência, produzindo o próprio homem enquanto ser social.

Nesta abordagem, o homem passa a ser entendido como ser que é ao mesmo tempo, uno e múltiplo, gênero e indivíduo, particularidade e universalidade, subjetividade e objetividade, como dois lados de uma mesma realidade. As determinações ou indicações do processo de trabalho na sua forma originária seriam apenas o ponto de partida, mas que permanece como condutor das aspirações humanas, mediando a *práxis* social.

Do ponto de vista metodológico, na medida em que aparece aqui como uma unidade mediadora, o trabalho coloca-se como totalidade apenas enquanto modelo de análise numa relação dialética, e não como uma unidade absoluta, fechada em si mesma. Neste enfoque, o trabalho ganha importância ao se constituir como a forma primordial do ser, como a síntese das aspirações dos homens em seu caráter de generalidade.

### 3 CONSCIÊNCIA E LIBERDADE

Vimos que, na análise de Lukács, toda *práxis* contém uma posição teleológica, que orienta a ação objetiva. Estas duas dimensões interagem para formar a totalidade no processo

real da vida em sociedade. Mas o ponto de partida será sempre a concreticidade do mundo efetivo dos homens. Pelo reflexo mais correto da realidade, na efetiva transformação de seu meio, a finalidade presente na realização de toda atividade permitirá aos homens o reconhecimento dos meios adequados, possibilitando que transformem nexos reais em nexos postos, criando uma nova forma de objetividade a cada novo momento.

Ora, se no processo de transformação simples da natureza, a decisão entre as alternativas postas estabelece-se numa relação entre homem e natureza, nas formas de vida em sociedade, entretanto, pelo enfrentamento das adversidades e pelas decisões coletivas, as relações tornam-se, cada vez mais complexas, e os homens passam a um procedimento cada vez mais socializado, independente daquela forma originária.

Além do momento da realização daquela posição de fim (*Zilsetzung*) inerente à toda efetivação do processo de trabalho, os homens estarão cunhando nos objetos naturais sua marca social, conferindo-lhes um sentido, humanizando-os. Estarão também deixando ali a marca de seus anseios, seus afetos, suas mais altas aspirações e, em possibilidade, a sua própria condição de ser livre.

As decisões alternativas, antes de serem a representação dos desejos individuais, serão a expressão da instância maior da forma de sociabilidade, manifestando-se na consciência das necessidades concretas da vida em sociedade. O que o homem faz agora o faz com a consciência das determinações do conjunto da sociedade.

Quando reconhece, no produto do trabalho humano, os projetos objetivados como resultado daquela ideação projetada, ocorre um distanciamento entre o homem e os objetos de suas aspirações. Somente neste momento é que ele pode se reconhecer como ser distinto de seu meio, num momento de separação entre sujeito e objeto:

No reflexo da realidade, substitui-se o modelo da realidade produzida coagulando-se em uma “realidade” própria na consciência. (...) no plano ontológico, o ser social se subdivide em dois momentos heterogêneos que, do ponto de vista do ser, não só estão defronte um ao outro como coisas heterogêneas, mas são até mesmo opostas: o ser e o seu reflexo na consciência.<sup>46</sup>

Como mediador dessa relação, o trabalho traz em si os elementos constitutivos do ser em formação na sua imanência, no complexo da nova constituição do ser social, ou seja, a

---

<sup>46</sup>LUKÁCS, G. *Ontologia*. p.30 e Trad. p. 123-124.

consciência das necessidades que a cada momento vão se estabelecendo, num processo que envolve teoria e prática. Assim, toda atividade humana sempre será retrato de expressões conscientes desses momentos de efetiva realização.

Por permitir, no momento da experiência, o vislumbre do todo, o trabalho tem um caráter de verificabilidade na compreensão da realidade. A compreensão do processo permite que a própria consciência deixe de ser um epifenômeno, e o homem poderá se descobrir como um novo ser pertencente a uma generalidade que se determina a partir daí.

Aquele fim estabelecido anteriormente, coloca-se frente ao projeto objetivado, separando, afastando o homem do objeto de sua satisfação. O homem, assim, se objetiva, se separa, se distingue de seu meio natural, podendo então se reconhecer nas suas próprias realizações enquanto ser genérico e sujeito de sua ação, que pensa sobre o mundo e sobre si mesmo.

Diante das alternativas sempre novas, ao buscar respostas para os problemas com os quais se defrontam a cada instante os homens não criam apenas objetos sociais, mas, enquanto sujeito de suas ações, estarão se autoproduzindo como seres atuantes que percebem, pensam e agem, agora não mais em relação à natureza, mas na construção de formas cada vez mais complexas da vida social.

Como as ações dos homens, nessas formações sociais, tornam-se sempre mais complexas, diferentemente daquela forma originária, as posições teleológicas tomam agora outra configuração, orientando-se em relação aos procedimentos dos outros homens:

O objeto dessa posição de fim (*Zilsetzung*) secundária já não é mais algo preso à natureza, mas sim à consciência de um grupo de homens; a posição de fim já não visa mais a transformar diretamente um objeto natural, mas sim a fazer surgir, de uma posição teleológica que certamente está dirigida para objetos naturais, da mesma maneira que os meios já não são intervenções imediatas sobre objetos naturais, mas pretendem provocar tais efeitos por parte de outras pessoas.<sup>47</sup>

É neste momento que as alternativas se ampliam na consciência, ocorrendo, assim, uma dupla transformação. Dessa forma, num processo conjunto, a consciência e a sociabilidade vão se constituindo, recriando ou reproduzindo a realidade social onde o sujeito rompe com sua condição anterior para se tornar cada vez mais social e histórico.

---

<sup>47</sup> Idem Trad. p.149-150.

Se, pelo trabalho, os homens se distinguem dos animais, ao pressupor um projeto que antecede a realização de toda atividade consubstanciada pela consciência, vemos que o momento de decisão e escolha entre as alternativas postas pela malha de acontecimentos apresentada pela realidade mostra-se decisiva para a emergência do novo, gerando a própria historicidade.

Claro está, que este conjunto de intenções e meios utilizados para a realização de suas aspirações nem sempre correspondem à intenção inicial. As ações concretas dos homens ultrapassam as intenções conscientes, sempre produzindo novas alternativas e novas séries causais. Apesar de os homens produzirem os objetos sociais, estes tomam uma positividade independente dos indivíduos. Este objeto histórico-social adquire, na dinâmica da sociedade, uma objetividade autônoma em relação ao sujeito, passando a ter vida própria, independente do sujeito.

Estabelecem-se as conexões entre singularidade e generalidade, ou seja, entre ser social e totalidade, como partes distintas de um mesmo complexo: o complexo da vida social. O homem, então, passa a ser, ao mesmo tempo, indivíduo e comunidade, compreendendo-se como parte de uma generalidade e o que o homem faz agora, o faz como ser genérico-universal.

Enquanto processo dialético, o caráter de totalidade social implica em que as partes e o todo caminhem juntas modificando-se constantemente, não havendo uma evolução linear, mas uma relação recíproca entre teleologia e causalidade. Sendo o trabalho o elemento responsável pela ruptura e continuidade no processo de vida social, trazendo em si os anseios concretizados dos homens em seus objetos produzidos, a partir de seu desdobramento, poder-se-ia analisar os elementos de suas particularidades em sua complexidade.

Mas a consciência, nesta abordagem, aparece enquanto produto sócio-histórico, e nunca como mera passividade, nem se constitui numa reprodução mecânica da realidade social.<sup>48</sup> A cada nova alternativa que é colocada, para que o projeto se objetive, será necessário um conhecimento adequado da realidade para levar avante aquele resultado esperado. Neste processo, o que permanece é a possibilidade imanente da produção da consciência, ou seja, a liberdade.

Assim, somente no reconhecimento dos nexos causais das determinações que se apresentam, neste processo é que os homens poderão transformar a causalidade em causalidade posta, onde ocorre a separação entre a natureza em si, posta, modificada,

---

<sup>48</sup>LUKÁCS, G. “Os princípios ontológicos ...” *Op. cit.* p. 40.

transformada em natureza humanizada, independentemente do sujeito que pensa e age sobre ela. O sujeito, por sua vez, através do trabalho, passa a ter uma natureza modificada, socializada, ou seja, torna-se o homem social.

Embora a essência do trabalho permaneça, garantindo o processo de continuidade, ele mesmo seria o elemento que traria em si a condição, como possibilidade, para a ruptura com as formas anteriores, e a emergência de outras, sempre novas, levando os homens a se reconhecerem nas suas próprias objetivações, tornando-se autônomos e livres das amarras que os prendiam às formas de existência anterior.

Neste complexo, que o que torna o homem verdadeiramente humano seria a sua própria capacidade de se destacar enquanto generalidade rompendo as barreiras anteriores, apropriando-se das novas objetivações, elevando-se para formas de ser cada vez mais emancipadas e autônomas.

Diante das determinações que impõem aos homens condições adversas para a realização de seus projetos, o trabalho supõe um enfrentamento com tais adversidades, o que possibilitaria uma escolha consciente, num ponto de sua história única e eivada de autonomia, frente ao todo social. Tomando uma decisão definitiva sempre posto por um ato de liberdade.

Para Lukács, entretanto, a liberdade não se restringe ao campo da individualidade. A escolha entre alternativas não se resume, como ele assinala, a uma mera afirmação casual do “sim” ou do “não”. Toda decisão está relacionada a um conjunto de valores, orientado pelo conjunto da sociedade em dado momento histórico.

Fora do plano social, não há liberdade. A escolha é livre e autônoma, mas obedece a uma série de determinações que emergem das formas de sociabilidade. Assim, toda escolha, consciente ou não, é resultado das representações da totalidade social. O ser social ao agir estará refletindo o conjunto das necessidades de seu gênero, de seu sistema de valoração, anteriormente determinado pelas necessidades histórico-sociais.

Escolher é pôr valor, e toda escolha é um ato individual que implica numa avaliação subjetiva, pois resulta de uma decisão entre uma escala de valores entre as várias alternativas. Para Lukács, esta escolha é produto concreto da atividade humana impulsionando-os para a construção de uma vida autônoma.

Se, por um lado, a finalidade coloca-se como um momento de efetiva realização daquele interesse do ser genérico-social, por outro, é este mesmo caráter de possibilidade presente na esfera da atividade humana que põe a finalidade para a escolha consciente que

parte de uma decisão individual, sendo o indivíduo expressão do conjunto de aspirações representadas pela totalidade social, ou um ser genérico.

Toda escolha de valor é orientada pela concretude posta pela posição teleológica. Ou seja, no conjunto de alternativas, a escolha desta ou daquela depende do grau de consciência mais ou menos orientado para aquela que se apresenta mais próxima da esfera das necessidades sociais. Portanto, o desenvolvimento econômico é o ponto de decisão para toda a evolução e mudança social.

Neste contexto, há um *continuum* de valores e, apesar da renovação ininterrupta deste processo, os valores tornam-se partes contínuas do complexo do ser social, permanecendo nele, e sendo elementos responsáveis pela sua reprodução.

Evidencia-se aí o caráter ontológico do trabalho. Somente pelos atos teleológicos presentes na esfera das atividades práticas dos homens é que se poderá estabelecer uma continuidade deste sistema de valores de uma dada forma de sociabilidade à outra.

Aqueles valores que permanecem a partir da escolha entre alternativas, cuja decisão foi orientada por este sistema de valoração, é que serão responsáveis pela permanência dos elementos constitutivos da reprodução do ser social.

No entanto, a escolha das decisões não ocorre ao acaso. Há um fundamento que a orienta. Este fundamento é dado pelo caráter objetivo social. É o conjunto do complexo social que orientará esta decisão. O sistema de valoração, por sua vez, é produto da sociabilidade, onde ele se realiza e se efetiva. Neste enfoque particular, o trabalho aparece aqui como o elemento indispensável para a construção do novo homem, consciente de sua condição social e livre para ser indivíduo em conformidade com a generalidade a qual representa.

Marx já advertia que a liberdade não é ausência de determinações, mas que ela se exprime exatamente pelo conhecimento delas, possibilitando aos homens dominá-las, dirigil-as para o fim ao qual pretendem.

A liberdade obtida no trabalho originário era, por sua natureza primitiva, limitada; isto não altera o fato de que também a liberdade mais alta e espiritualizada deve ser conquistada com os mesmos métodos com que se conquistou aquela do trabalho mais inicial e que o seu resultado, não importa o grau de consciência, tem, em última análise, o mesmo conteúdo: o domínio do indivíduo genérico sobre a sua própria singularidade particular, meramente natural. Julgamos que, neste sentido, o trabalho pode ser entendido como modelo de toda liberdade.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> LUKÁCS, G. *Ontologia* p. 163 (Trad. p. 249-250).

Para Lukács, o caráter ontológico do trabalho evidencia também o caráter ontológico da liberdade. Se as condições reais de existência condicionam o desenvolvimento da vida social, política e espiritual, as expressões da consciência humana e também a moral só podem ser o reflexo das expressões dos homens em suas relações com os outros homens, na construção de sua vida em sociedade, conferindo, assim, um sentido real à existência social dos homens e perante a si mesmo, possibilitando as bases para uma nova ética.

O vínculo entre a liberdade e sua base sócio-material é percebido na dinâmica que permite a dilatação das oportunidades de decisões de modo contínuo e, por conseqüência, por ampliar o número de decisões entre as variadas e diferentes alternativas, traria em si a possibilidade de superação das esferas inferiores que prendem os homens a circunstâncias adversas às suas próprias potencialidades.

Sabemos, no entanto, que uma real transformação do “reino da necessidade” para o “reino da liberdade” implica, como queria Marx, em que somente quando o trabalho for uma atividade amplamente dominada pela humanidade e quando não representar apenas “meio de vida”, mas o “primeiro carecimento de vida”, somente quando “a humanidade tiver superado qualquer caráter coercitivo em sua própria autoprodução”, somente neste momento é que “estará aberto o caminho social da atividade humana como fim autônomo.”<sup>50</sup>

A construção deste novo homem, consciente de sua condição social e livre para ser indivíduo em conformidade com a sua generalidade a qual representa, só seria possível, em seu fundamento ontológico, por esta possibilidade imanente de se auto-construir como ser consciente e autônomo.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Edição trilingüe por Valentín García Yebra. 2.ed. Madri: Editorial Gredos, 1990.

ARMELLA, V. A. *El concepto de técnica, arte y producción en la filosofía de Aristóteles*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1993.

---

<sup>50</sup>LUKÁCS, G. *As bases...* Op. cit..p.16

CHASIN, J. “Estatuto ontológico e resolução metodológica” In TEIXEIRA, F. J. S. *Pensando com Marx* (Posfácio). São Paulo: Ensaio, 1995.

FREDERICO, C. *O Jovem Marx - 1843-44: as origens da ontologia do ser social*. São Paulo: Cortez, 1995.

GORZ, A. *Adeus ao proletariado* (para além do socialismo). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Trad. Paulo Menezes. 4<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HELLER A. et alli. “Annotazione sull ontologia per il compagno Lukács”. In *Rev. Aut-Aut* n. 157-8. Roma: Riuniti, 1977.

HELLER, A. *Lukács reappraised*. New York: Columbia University Press, 1983.

KONDER, L. *Lukács*. Porto Alegre: L & PM Editores, 1980.

\_\_\_\_\_. *O futuro da filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LESSA, S. *A centralidade do trabalho na ontologia de Lukács*. Tese (Doutorado) Unicamp, 1994.

LUKÁCS, G. \_\_\_\_\_. *Der Junge Hegel*. Berlim: Luchterhand, 1967.

\_\_\_\_\_. “As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem”. Trad. Carlos Nelson Coutinho. In *Temas de ciências humanas* n. 04. São Paulo: Livraria e Editora Ciências Humanas, 1978.

\_\_\_\_\_. *Ontologia do ser social. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria e Editora Ciências Humanas, 1979.

\_\_\_\_\_. “A ontologia de Marx: — questões metodológicas preliminares”. In NETTO, J. P. (org.) *Lukács: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1981. (Coleção Grandes Cientistas Sociais; 20)

\_\_\_\_\_. *Per l’ontologia dell’essere sociale*. Trad. Alberto Scarponi. Roma: Riuniti, vol. II,

1981.

\_\_\_\_\_. *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*. (Org. Frank Benseker). Darmstadt: Luchterhand, c1984-c1986: 2v.

\_\_\_\_\_. *História e consciência de classe*. Trad. Telma Porto. (Estudos da dialética marxista). Porto: Publicações Escorpião, 1974.

\_\_\_\_\_. *Prolegomini all' ontologia dell'essere sociale*. Milão: Ed. Angelo Guerini e Associati, 1990.

MAAR, W. L. "A reificação como realidade social" In: *Lukács- um Galileu no século XX*. 2ª ed. São Paulo: Boitempo Editora, 1996.

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. Livro Primeiro, vol. I e II

\_\_\_\_\_. *Elementos fundamentais para la crítica de la Economía Política — Borrador: 1857/58* 16ª ed. (*Grundrisse*) B. Aires: Siglo XXI, vol. I, 1989.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos econômicos-filosóficos de 1844*. Lisboa: Avante, 1993 (tercero manuscrito) p 85-152.

MARX, K e ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Trad. Jose Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 4ª ed. São Paulo, Hucitec, 1984.

NETTO, J. P. *G. Lukács, o guerreiro sem repouso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TERTULIAN, N. *Introduzione a Lukács - prolegomini all' ontologia dell'essere sociale*. Milão: Ed. Guerini e Associati, 1990.